

AGONIA DE EROS EM UMA LEITURA DE CONTOS DE TEOLINDA GERSÃO

AGONY OF EROS IN A READING OF STORIES BY TEOLINDA GERSÃO

Maria Teresa Salgado¹
Vima Lia de Rossi Martin²

Transforma-se o amador na cousa amada,
por virtude do muito imaginar;
não tenho logo mais que desejar,
pois em mim tenho a parte desejada³.

RESUMO

A obra *Alice e outras mulheres*, da escritora portuguesa Teolinda Gersão, uma das vozes de maior destaque da ficção portuguesa pós 25 de abril, nos apresenta o feminino como “um problema complexo”. Ao longo das três partes do livro, há uma transformação em relação ao protagonismo feminino. Desse modo, as vozes femininas passam do plano da passividade, nas primeiras histórias, ao terreno das tomadas de decisões, na segunda e na terceira partes. Observamos, também, que o amor tem cada vez menos espaço nas relações, assim como a possibilidade de encontro com o outro na experiência erótica. Consequentemente, a depressão e o sofrimento psíquico vão ganhando lugar em quase todas as narrativas, revelando-se como consequências de nossa incapacidade de lidar com a alteridade. Em nosso artigo, propomos uma leitura dos contos de Gersão em diálogo com o processo cultural descrito pelo filósofo sul coreano Byung Chul Han, na obra *Agonia de eros*.

Palavras-chave: Teolinda Gersão, protagonismo feminino, amor, erotismo, sofrimento psíquico.

ABSTRACT

The work *Alice outras mulheres*, by the Portuguese writer Teolinda Gersão, one of the most prominent voices in Portuguese fiction after April 25th, presents the feminine as

¹ Doutora em Literaturas Africanas, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1997), Professora Associada de Literaturas Africanas na Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: teresalg@letras.ufrj.br

² Doutora em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela USP (2005), Professora da Universidade de São Paulo. E-mail: vima@usp.br

³ Essa primeira estrofe do soneto “Transforma-se o amador em cousa amada”, de Luís Vaz de Camões, foi escolhida como epigrafe não apenas por ser uma alusão ao sentido do erotismo do qual fala Han, mas porque o presente artigo foi escrito por duas vezes que buscaram, de fato, se encontrar, se ouvir e, consequentemente, se reconhecer.

“a complex problem”. Throughout the three parts of the book, there is a transformation in relation to female protagonism. In this way, female voices move from the plane of passivity, in the first stories, to the realm of decision-making, in the second and third parts. We also observe that love has less and less space in relationships, as does the possibility of meeting the other in the erotic experience. Consequently, depression and psychological suffering are gaining a place in almost all narratives, revealing themselves as consequences of our inability to deal with otherness. In our article, we propose a reading of Gersão's stories in dialogue with the cultural process described by the South Korean philosopher Byung Chul Han, in the work *Agonia de eros*.

Keywords: Teolinda Gersão, female protagonism, love, eroticism, psychic suffering

Em 2020, a escritora portuguesa Teolinda Gersão publicou *Alice e outras mulheres*, obra que reúne os seus melhores contos, na visão da também escritora e pesquisadora Nilma Lacerda, responsável pela reunião dos textos, pelo prefácio e pela divisão em três partes: velhas maneiras, maneiras de hoje e formas em trânsito.

Gersão, nascida em 1940, em Coimbra, é uma das vozes de maior destaque da ficção portuguesa pós 25 de abril. Na obra em questão, o feminino se revela como um problema complexo, como observa Lacerda no prefácio. Ao longo das três partes do livro, observamos como a voz feminina passa do plano da passividade, nas primeiras histórias, ao terreno das tomadas de decisões, na segunda e na terceira partes.

Se, por meio das dezoito histórias que compõem a obra, é possível perceber uma transformação em relação ao protagonismo feminino, nota-se, em contrapartida, que o amor tem cada vez menos espaço nas relações, assim como a possibilidade de encontro com o outro na experiência erótica. Consequentemente, a depressão e o sofrimento psíquico vão ganhando lugar em quase todas as narrativas, revelando-se como consequências de nossa incapacidade de lidar com a alteridade.

Os contos de Gersão parecem dialogar com o processo sócio-cultural descrito pelo filósofo sul coreano Byung Chul Han⁴, na obra *Agonia de eros*. O livro é composto por sete ensaios curtos que podem ser lidos de maneira independente. São eles: “Melancolia”; “Não-poder-poder”; “O mero viver”; “Pornografia”; “Fantasia”;

⁴ Publicado inicialmente na Alemanha em 2012, o texto ganhou uma versão brasileira em 2017 pela editora Vozes.

“Política do Eros” e “O fim da teoria”. De maneira geral, os textos falam sobre como a chamada “sociedade do desempenho” favorece nossa constituição como “sujeitos narcísicos”, pautados num excesso de positividade e autorreferência. Esse modo de ser, predominantemente autocentrado e fechado para a alteridade, levaria à agonia do Eros, ou seja, ao esvaziamento de nossa capacidade de nos relacionarmos com o outro, com a negatividade inerente às relações intersubjetivas. Desse modo, acabamos nos conformando com a vida em uma sociedade cada vez mais narcisista, na qual a experiência transformadora do amor não pode mais ter lugar.

Pretendemos discutir, aqui, apenas três contos da autora que dialogam mais diretamente com as reflexões do filósofo e com o campo da psicanálise, o qual nos interessa especialmente. Trata-se dos contos “A dedicatória”, “Quatro crianças, dois cães e pássaros” e “Big brother isn’t watching you”, presentes na parte do livro de Gersão intitulada “Maneiras de hoje”. Vamos nos amparar, especialmente, nos seguintes ensaios da obra de Han: “Melancolia”, “Poder-não-poder” e “Fantasia”. O primeiro focaliza a configuração dos sujeitos narcísicos contemporâneos; o segundo lança luz sobre aspectos característicos da sociedade de desempenho, que afetam diretamente nossa subjetividade; e o terceiro aborda a questão da crise da fantasia na atualidade.

Como a linguagem do autor é densa, conceitual, optamos por reproduzir vários dos termos usados por ele, identificando-os com aspas. Ao final, como uma espécie de conclusão, retomamos a celebração de eros proposta pelo autor nos dois últimos capítulos de sua obra.

1 A dedicatória

No conto “A dedicatória” (GERSÃO, 2020), somos lançados diretamente na fala do protagonista. Em uma fila de autógrafos, ele se dirige à personagem-escritora, pedindo seu autógrafo: “Pois, como a senhora há de ter reparado, deixei passar toda a gente, fiquei para trás de propósito.” (Gersão, p. 69) Após algumas explicações, revela-se o seu pedido insólito de uma dedicatória, a qual pretende oferecer à mulher que o abandonou: “Queria pedir-lhe uma dedicatória, mas não exatamente igual às

outras”. Veremos, contudo, que o protagonista não deseja da escritora apenas uma dedicatória:

- a senhora já fez hoje mais de quantas, deve estar com um calo nos dedos de pegar na caneta. Só usa a caneta em ocasiões destas, julgo eu, habitualmente deve escrever no computador, como toda gente. Eu já não era capaz de viver sem o computador, é a minha companhia. O computador e a televisão. (Gersão, p. 69)

Aos poucos, vamos conhecer um personagem que, tal como o sujeito narcísico descrito por Han em “Melancolia”, não consegue estabelecer claramente os seus limites na relação com outras pessoas. Han discorre, aqui, fundamentalmente sobre as causas do “fim do amor” e do “arrefecimento da paixão” no mundo contemporâneo. O filósofo refuta a ideia de que a imensa liberdade de escolha e as múltiplas possibilidades de amar seriam os reais motivos para a agonia do eros. Para ele, mais do que a grande “oferta de outros”, o que contribui para a crise do amor na atualidade seria a “erosão do outro”, que caminhará junto com a “narcisificação do si-mesmo”. Assim, num tempo marcado pela transformação de tudo e todos em objetos de consumo, no “inferno do igual”, não haveria espaço para a experiência erótica, que pressupõe a assimetria e a exterioridade de objetos que não podem ser abarcados pelo regime do Eu.

Nesse contexto, o “sujeito do amor-próprio” sucumbiria para dar lugar ao “sujeito narcísico”. O primeiro é capaz de estabelecer contornos que o separam do outro e permitem o reconhecimento de ambos (eu/outro). Ele é o sujeito que pode se tornar fraco para se fortalecer no encontro com a alteridade. Já o segundo, o “sujeito narcísico”, que de algum modo também foi abandonado pelo outro, padece de depressão, pois está esgotado e fatigado de si mesmo. Trata-se do sujeito narcísico-depressivo-melancólico, enredado em seu próprio ego e sobrecarregado numa busca incessante de sucesso. Nas palavras de Han:

Hoje, vivemos numa sociedade que está se tornando cada vez mais narcisista. A libido é investida primordialmente na própria subjetividade. O narcisismo não é um amor-próprio. O sujeito do amor-próprio estabelece uma delimitação negativa frente ao outro

em benefício de si mesmo. O sujeito narcísico, ao contrário, não consegue estabelecer claramente os seus limites. Assim, desaparecem os limites entre ele e o outro. O mundo se lhe afigura como sombreamentos projetados de si mesmo. Ele não consegue perceber o outro em sua alteridade e reconhecer essa alteridade. Ele só encontra significação ali onde consegue reconhecer de algum modo a si mesmo. Vagueia aleatoriamente nas sombras de si mesmo até que se afoga em si mesmo. (p. 9-10)

O conto de Gersão vai evidenciando, aos poucos, um contexto patologizante, em que há uma grande dificuldade de reconhecimento do outro e de ligação com ele. Assim, o protagonista segue afirmando que vai falar da dedicatória, mas continua falando de si próprio:

Mas queria falar-lhe da dedicatória. Embora tenha um fraco por computador. É quase uma pessoa, não acha, ele responde, entende, repara se o que fazemos está certo ou errado, cumpre ordens, faz perguntas, liga-nos ao mundo – se bem que a mim o mundo me interessa pouco – e é esperto, até mais esperto do que nós. E tem sentido de humor, o sacana, ainda há pouco estava eu a jogar contra ele pela noite adiante, fico sempre a jogar pela noite adiante, ele estava a ganhar há várias horas, até parecia que me fintava, aí eu perdi a cabeça e mandei-o à merda, desculpe, mas foi a palavra, e sabe o que ele respondeu? Não posso ir nessa direção.... (Gersão, p. 69 e 70)

Ao discutir as características do sujeito narcísico, Han dialoga com a perspectiva freudiana apresentada em “Luto e melancolia” (1917) à medida que o sujeito narcísico descrito pelo filósofo sul-coreano pode ser aproximado do sujeito melancólico identificado por Freud. Na formulação freudiana, “a melancolia se caracteriza, em termos psíquicos, por um abatimento doloroso, uma cessação do interesse pelo mundo exterior, perda da capacidade de amar, inibição de toda atividade e diminuição da autoestima, que se expressa em recriminações e ofensas à própria pessoa e pode chegar a uma delirante expectativa de punição.” (Freud, 1917/2010, p.172). Essa condição dolorosa, em que a perda de um objeto carrega traços inconscientes - o sujeito não sabe exatamente o que perdeu ou o que exatamente perdeu no objeto perdido - acarreta um profundo esvaziamento do ego. Nessa chave, ambos - o sujeito narcísico (Han) e o sujeito melancólico (Freud) - se

aproximam por sua grande dificuldade de (se) reconhecer (e, portanto, de se ligar) ao mundo externo, à alteridade: eros agoniza afogado no eu.

Nas cenas descritas pelo protagonista, a incomunicabilidade com sua parceira vai sendo revelada, assim como a impossibilidade de desenvolvimento do erotismo. Reina a depressão de um sujeito que se encontra em uma relação consigo mesmo sobrecarregada por um controle exagerado e doentio. Não surpreende que tenha passado a manipular os filmes em que a sua mulher aparece:

Talvez a senhora não acredite se lhe disser que fiz cópias de todos os filmes dela, quero dizer, de todos os filminhos de amador que fiz com ela. Sim, também tenho a minha pequena máquina de filmar, provavelmente é por isso que penso tanto nas coisas como se fossem filmes. Se lhe fosse falar dos filmes, ficava aqui a noite inteira (...) Mas sossegue que não vou falar
Só lhe quero dizer isso: Guardei os originais dos filmes e diverti-me a transformar as cópias. Cortei, coleí, mudei – ela era a estrela, a personagem, e eu o realizador, o cameraman, o produtor, o público – ambos tínhamos todos os papéis. (Gersão, p. 74)

A incapacidade do protagonista de abandonar sua tentativa de controle obsessivo sobre a companheira o impede de perceber que a escritora não pode, naturalmente, salvar a sua relação amorosa, a despeito do poder “mágico” da literatura de criar mundos:

E aí que eu vi a diferença entre saber fazer e não saber, eu manipulava os filmes e as coisas aconteciam ao contrário, a bicicleta corria para trás, mas nada do que eu fizesse podia trazer aquela mulher de volta.

Então lembrei-me: eu não posso, mas a senhora pode. Por isso, lhe vim pedir uma dedicatória, aí nesse livro, para lhe oferecer a ela. Pedindo-lhe que volte.

Claro que a senhora pode, como é que não. Com a data de hoje bem visível – porque faz hoje precisamente um ano que ela se foi embora.

.....
E se não voltar, diz a senhora, pelo amor de Deus não vamos pensar nisso, como é que ela pode não voltar, se não voltar é porque a senhora não soube dizer o quanto eu a quero e escreveu a dedicatória errada. (Gersão, p. Grifos nossos)

Observemos, no trecho citado, que a voz da interlocutora (a escritora de quem o protagonista espera uma dedicatória) não vem à tona em nenhum momento do texto. Há apenas uma alusão à sua presença, quando ela supostamente se nega a dar a dedicatória solicitada: “Claro que a senhora pode, como é que não. Com a data de hoje bem visível – porque faz hoje precisamente um ano que ela se foi embora.” Percebe-se, como sugere Han, que o protagonista “vagueia nas sombras de si mesmo”, como observou o filósofo sobre o sujeito narcísico (Han, p. 10), pois só é capaz de encontrar algum sentido (sempre falho) nos acontecimentos a partir da consideração estrita de si mesmo. Por isso, ao longo de toda a sua fala, segue apresentando as suas obsessões e seu mundo isolado. Nele, o computador e a televisão são as suas únicas “companhias”, e a cena da partida de sua mulher é constantemente reiterada: “Mas vejo-a sempre sair e fechar a porta atrás de si. Mesmo quando fecho os olhos continuo a vê-la, é como a cena de um filme: Ela pega na mala, abre a porta e vai-se embora”.

Se “Eros e depressão se contrapõe mutuamente”, como quer Byung-Chul Han, é a experiência de Eros – “a experiência do outro em sua alteridade” – que pode resgatar os sujeitos de seus infernos narcisistas. Somente a experiência negativa da atopia (o sem-lugar) do outro, que jamais é espelho do um, poderia arrancar o sujeito de si mesmo e conectá-lo com as potências da vida.

Aliás, essa também é a ideia que orienta a leitura que Han faz do filme “Melancolia”, na parte final do ensaio homônimo. Segundo o filósofo, Justine, a protagonista do intrigante filme de Lars von Trier, só pode escapar de sua depressão narcisista e se transformar em “pessoa amorosa e amante” graças à iminência de um acontecimento apocalíptico - o desastre anunciado da colisão de um planeta com a Terra. É a proximidade do choque catastrófico com o planeta mortífero, símbolo da alteridade absoluta - o completamente outro encarnado na morte -, que promove a transformação da personagem, pois tem efeito de evento des-apropriador, de esvaziamento do Eu até então superinvestido. É nesse sentido que o filme nos sugere, nas palavras do autor, que uma “desgraça desastrosa se converte inesperadamente em graça ou salvação”.

Essa ideia de conversão engendrada por Han, simultaneamente acidental e extraordinária, nos faz lembrar de algumas das narrativas de Clarice Lispector, que tão bem soube representar instantes epifânicos: momentos aparentemente banais e de grande intensidade existencial, capazes de transformar perspectivas ou até mesmo destinos. Exemplo já clássico da epifania (revelação) na obra clariciana está presente no conto “Amor”, em que a protagonista Ana, ao ver um cego mascando chiclete na rua, muda seu percurso e entra no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, onde estabelece uma relação atenta com a natureza, desautomatizando sua percepção do mundo e construindo reflexões inquietantes e problematizadoras sobre a sua condição de mulher, esposa, mãe, dona de casa. A personagem, contudo, após a experiência epifânica, retoma seu cotidiano alienado/alienante, o que sugere a força das convenções e as fortes amarras que incidem sobre a mulher tendo em vista sua identidade de gênero.

2 “Quatro crianças, dois cães e pássaros”

O conto “Quatro crianças, dois cães e pássaros” tem como protagonista uma mulher à beira de um esgotamento completo. Sua rotina é de stress, cansaço e desespero com o excesso de tarefas do seu dia a dia:

No escritório o trabalho era de loucos (...) sempre com uma horrível sensação de não conseguir fazer o principal. (...) era um inferno, sem falar dos trabalhos de casa das crianças, que atropelavam os meus (...). E no fim de tudo ainda era preciso dar comida ao cão, levá-lo à rua e limpar a gaiola dos pássaros.

Claro que o Carlos não fazia nenhuma dessas coisas, embora me acusasse de trabalhar demais. (Gersão, p. 76, 77)

No segundo ensaio de seu livro, “Não-poder-poder”, Han nos apresenta o modo de funcionamento da sociedade do desempenho. Segundo ele, diferentemente da sociedade da disciplina, caracterizada por Foucault como aquela que está pautada no “dever”, a sociedade atual - do desempenho - estaria pautada no “poder”. Isso significa que é a ideia de poder (“eu posso”) que nos organiza socialmente e subjetivamente, pois ela é mais eficaz para a elevação da produtividade no atual estágio do neoliberalismo. O sujeito de desempenho, “empreendedor de si mesmo”, é

levado a acreditar que é livre e que tudo pode; entretanto, está submetido a uma estrutura coercitiva: a lógica do sucesso. Vejamos:

O apelo à motivação, à iniciativa e ao projeto é muito mais efetivo para a exploração do que o chicote ou as ordens. Como empreendedor de si mesmo, o sujeito de desempenho é livre, na medida em que não está submetido a outras pessoas que lhe dão ordens e o exploram: mas realmente livre ele não é, pois ele explora a si mesmo e quiçá por decisão pessoal. O explorado é mesmo explorador. A gente é vítima e algoz ao mesmo tempo. (Han, p.21-22)

Essa condição de auto exploração, mais ou menos familiar a todos nós, tem consequências terríveis: não é possível responsabilizar nenhuma pessoa pelo nosso fracasso (a não ser a nós mesmos) e, portanto, não há possibilidade de se culpar ou se desculpar ninguém. “O capitalismo é só *inculpador*”, afirma Han. Nesse sentido, provoca um estado de “insolvência psíquica” que se manifesta como “depressão do sujeito de desempenho”.

É em função do estabelecimento dessa condição de auto exploração que a protagonista do conto se torna algoz e simultaneamente vítima de si própria. Passa a um tal estado depressivo que não pensa em diminuir as tarefas ou dividi-las com o marido, apesar da sobrecarga a que está submetida. Tampouco pensa em conversar com o marido ou com as crianças. É ela quem tem que resolver a situação que acredita ter criado sozinha: “De qualquer modo, o que estava feito estava feito, e agora tinha era que andar em frente e cuidar de tudo.” (Gersão, p. 77). Assim, após longo período de exaustão, furiosa consigo própria, a personagem resolve então contratar uma empregada fixa:

Até que um dia me enfureci, disse a mim mesma: basta! E decidi que ia arranjar uma empregada interna.
Afectiva, disse em tom compreensivo a porteira, a quem falei de uma efectiva. (Gersão, 2020, p. 77)

Note-se que, quando a protagonista diz à porteira do prédio onde mora que está em busca de uma empregada “efectiva”, ela recebe como resposta a palavra “afectiva”, o que nos leva a imaginar que é o afeto que está, de fato, em questão nesse momento. Afinal, supõe-se que ele deva entrar em cena quando se se lida com

crianças. Mas veremos, também, adiante no conto, que a própria capacidade afetiva da protagonista se encontra comprometida: “A tal ponto estava cansada que as coisas se passavam longe e eram vagas.” (Gersão, p. 78). Seu relacionamento com o marido é mostrado de forma também vaga. No conto, aliás, mal se menciona tal relacionamento. O marido parece estar sempre ausente. Sua presença/ausência, por sinal, liga-se antes às acusações que faz a mulher de trabalhar demais, embora não se preocupe em ajudá-la, já que não parece capaz de perceber o que ela vive: “Claro que Carlos não fazia nenhuma dessas coisas, embora me acusasse de trabalhar demais. Na verdade, ele levava a mal que eu trabalhasse tanto, como se lhe fizesse uma ofensa pessoal.” (Gersão, 77)

Nesse ponto, observamos com Han que, no campo de Eros, o que deveria prevalecer, na perspectiva psicossocial da saúde, é algo para além do desempenho. É justamente o negativo dessa ideologia: é o “não-poder-poder” (eu não posso poder, porque isso não é objetivamente possível); assim, a vida erotizada seria a vida vivida com o fracasso e a frustração que experimentamos diante da impossibilidade de possuir, reconhecer e apreender o outro atópico.

Na sociedade de desempenho, continua o filósofo, a positividade do amor se instaura na performance sexual. O corpo, com valor expositivo, é mercadoria e objeto de excitação (parcial) que consumimos. Ele pondera: “Hoje está se perdendo cada vez mais o decoro, a respeitabilidade, a distância, isto é, a capacidade de experimentar o outro em sua alteridade.” (Han, p.28)

No conto em questão, vemos que o tipo de relacionamento da protagonista com seus filhos ou com seu marido não entra em pauta. Ficamos cientes apenas do seu stress e da sua exaustão com a rotina de tarefas e trabalhos, que sugere claros sintomas da síndrome de *burnout*, uma das patologias psíquicas que mais vem crescendo na contemporaneidade. Com ela, o indivíduo sofre psiquicamente e introjeta cada vez mais o sofrimento e a culpa por não dar conta do trabalho. Seu propósito maior é apenas cumprir as tarefas impostas. Por isso, vemos no conto que, mesmo após a vinda da empregada, para realizar o trabalho da casa, a protagonista permanece em estado de exaustão crônica: “Dormi semanas, meses. Acordava e ia

para o escritório, ou nem acordava, dormia dia e noite, de olhos abertos. Voltava e tornava a adormecer, sentada no sofá.” (Gersão, p. 78). Sua capacidade de perceber a própria família se enfraquece cada vez mais e a depressão se instala a ponto de quase perder o contato com o mundo: “Um dos cães chega perto de mim e fareja-me. Verificando se não estou morta, penso. Tenho um braço caído, quase a tocar no chão, e não me mexo.” (Gersão, p. 79)

Uma vez mais, constata-se a agonia do eros: “A sociedade do desempenho, dominada pelo poder, onde tudo é possível, onde tudo é iniciativa e projeto, não tem acesso ao amor enquanto vulneração e paixão.” (Han, p.29)

Na parte final do capítulo “Não-poder-poder”, Han reflete sobre a experiência do tempo na contemporaneidade. Segundo ele, viveríamos hoje na “temporalidade do igual”: de um lado, o futuro se apresenta como “atualidade otimizada” (e não como o “tempo do outro”, que insinua a surpresa do outro atópico, assimétrico); de outro, o passado é todo transformado em museu e se apresenta como “atualidade repetível”, desvencilhado da “negatividade do irrecuperável”.

Nesse sentido, a memória, que para Freud é constantemente reordenada e reescrita, modificando-se segundo o estabelecimento de novas relações e associações, é concebida, na lógica do desempenho, como um dispositivo meramente técnico, de armazenamento de dados.

Não por acaso, a protagonista do conto, desprovida da capacidade de memória, termina por cair em estado quase que letargia e ausência: “Passou tempo e agora há outra vez passos e ruído em volta. Uma criança vem junto de mim e beija-me na face. Põe os braços em volta do meu pescoço, sei que é meu filho mais novo. Mãe, diz, mãe. Sacode-me, mas continuo a dormir.” (Gersão, p 79)

Em síntese, numa sociedade cada vez mais narcisista, a temporalidade não é mais a do instante vivo, mas a do “clique”. Na vida contemporânea, futuro e passado se dissolvem numa “atualidade total”, que recusa a “negatividade da ausência” – essencial em nossa experiência com a alteridade e na relação que estabelecemos com o passado e o futuro.

As reflexões desenvolvidas aqui nos fazem pensar sobre o alcance e os limites da clínica psicanalítica na atualidade: o que pode (e o que não pode) a clínica no contexto da sociedade do desempenho? Como construir um encontro e uma escuta que instituem uma “temporalidade outra”, capaz de quebrar a “temporalidade do igual” que parece organizar a nossa subjetividade? É possível a existência de um dispositivo clínico (pensando nos altíssimos custos dos “tratamentos clássicos”) em que analista e analisanda/o resistam à (ou ao menos problematizem a) lógica da mercadoria e do consumo?

3 “Big brother isn’t watching you.”

O empobrecimento do eu nos é mostrado, em seu paroxismo, no conto “Big brother isn’t watching you.” Nele encontramos jovens adolescentes, todas mulheres, sem nenhuma capacidade de trocar ideias ou projetar sonhos. Suas conversas não se estabelecem a partir de opiniões ou experiências pessoais e suas decisões demonstram uma total irresponsabilidade e incoerência em relação às suas atitudes. A narrativa nos joga, de chofre, dentro do pensamento de uma das principais personagens adolescentes. Aos poucos, percebemos que não importa saber qual delas está expressando o pensamento, já que, aparentemente, todas partilham da mesma insensibilidade em relação aos outros. O leitor é confrontado, assim, com o horror de comportamento perverso que atinge o auge da indiferença:

Matamos a Tânia porque não fazia falta, era muito bronca e parada, via-se logo que nunca ia fazer nada na vida. Foi por isso que pensamos nela. Podia ter sido a Elizabeth, a Carina ou a Vanessa. Mas a Elizabeth jogava bem ao volley, a Carina pagava-nos cervejas e a Vanessa tinha namorado. A Tânia era a melhor a ser morta porque não andava no mundo a fazer nada. Foi só por isso que a escolhemos, não havia nenhuma razão especial, nem tínhamos nada de pessoal contra ela. Podia ter sido outra qualquer. Calhou ser ela. Só isso. (Gersão, p. 81)

No quinto capítulo de seu livro, Byung-Chul Han reflete sobre o lugar da fantasia na sociedade de desempenho. Sua principal hipótese (construída em diálogo com pensamento da socióloga franco-israelense Eva Illouz) é a de que, no mundo contemporâneo - acelerado, hiperativo e fundamentalmente positivo - haveria uma

“crise da fantasia”, ou seja, uma crise da nossa vida imaginária, do modo como representamos para nós mesmos a nossa própria história e as histórias alheias. Essa crise seria decorrência, em última instância, da tendência contemporânea ao “desaparecimento *do outro*, ou seja, a agonia de eros”.

Han identifica, assim, no narcisismo característico da sociedade de desempenho, a chave para a compreensão do que ele denomina como “fim da cupidez”: a cupidez desaparece porque, no limite, é o outro que desaparece. Para o autor sul-coreano, no mundo da hipervisibilidade e da hipervigilância, em que são abolidas as distâncias – e, conseqüentemente, os limites, as passagens e os umbrais, que são “zonas preches do mistério e do enigmático” – não haveria mais espaço para as elaborações fantasísticas. Por isso, em vez de distâncias que constroem o outro, prevaleceriam as divisórias e os muros alienantes, que anulam a própria ideia do outro. Em última instância, o encolhimento da fantasia e as frustrações no campo da cupidez seriam provocadas pela desaparecimento ou ausência do outro.

No conto em questão, o que vemos é justamente o aniquilamento do outro, em sua forma mais radical: o assassinato. Afinal, em um mundo cada vez mais neoliberal e narcisista:

Como se ia conseguir alguma vez ser a mais bonita, a mais esperta, a mais sorridente, a mais magra, a mais simpática, a mais sexy, a de saltos mais altos e peito mais levantado no bikini, ou todas essas coisas juntas. A vida era muito difícil e o melhor mesmo era desistir logo de tudo, disse à Ruth. (Gersão, p. 83)

As ideias de Han sobre o declínio da fantasia na sociedade de desempenho dialogam com o pensamento de Joel Birman no livro *O sujeito na contemporaneidade* (2014). Nesse texto, o autor busca refletir sobre o mal-estar na contemporaneidade, época imprevisível e intempestiva, marcada por uma transformação radical no modo como nos relacionamos com a categoria do tempo. “Tudo se passa como se a subjetividade acreditasse que estivesse vivendo num eterno presente, no qual a repetição do mesmo fosse tão poderosa que não anunciasse mais qualquer possibilidade de ruptura e de descontinuidade”, afirma Birman (p.9). Essa percepção de um tempo eterno e contínuo (em outros termos, de uma espacialização da

experiência em detrimento de sua temporalização) levaria ao encolhimento de nossas possibilidades de subjetivação e simbolização (possibilidades de elaborar, de sonhar, de fantasiar e, no limite, de desejar). Assim, em linhas gerais, Birman distingue o sujeito moderno (sujeito do sofrimento, aberto à alteridade) do sujeito contemporâneo (sujeito da dor, fechado sobre si mesmo). O primeiro, considerado por Freud para o desenvolvimento de sua metapsicologia, seria eminentemente o sujeito do desamparo, capaz de dirigir ao outro suas demandas de amor e de cuidado; já o sujeito contemporâneo seria o sujeito do desalento, sem abertura para o outro e entregue a um solipsismo paralisante.

Como se vê, o pensamento de Han e Birman convergem à medida que ambos identificam, no mundo contemporâneo, o desaparecimento do outro no horizonte do mal-estar e o declínio do pensamento e da linguagem como mediadores dos conflitos que nos constituem; em suma, um empobrecimento do eu e da capacidade/possibilidade de fantasiar.

De fato, o que caracteriza o relacionamento das adolescentes, no conto, é o solipsismo do qual falam Han e Birman, levando-as a encolherem, cada vez mais, sua capacidade de abertura para o outro. Embora tais adolescentes estabeleçam uma convivência, o que nos levaria a considerá-las um grupo de amigas, não existe, verdadeiramente, uma relação de amizade entre elas, nem mesmo o prazer de estarem juntas. Paira, no ar, o desalento ao qual se refere Han:

A gente tinha era que viver e não estava a viver nada, era tudo muito chato e sempre igual. A única coisa diferente era a droga e a gente achava que também iria entrar nessa, mas por enquanto ainda não, só uns charros para passar o tempo, porque havia também muita chatice na droga, se bem que agora já tudo era mais fácil, porque a sociedade tinha passado a ser menos repressiva e mais livre, com salas de chuto e tudo mais, mas tirando esse progresso tudo na vida era uma chatice e a gente não tinha mais onde ase agarrar. (Gersão, p. 82)

Desse modo, quando tramam a morte de uma colega, tudo se desenvolve de forma banal e absurdamente ingênua, já que as meninas acreditam que deixariam de ser punidas caso aparecessem na televisão:

Quem aparecia na televisão estava safo, dissemos. Os que lá andavam sempre nunca eram apanhados nem ia para a prisão, mesmo quando cometiam crimes e lhes punham processos. Arranjavam sempre modo de escapar, toda gente sabia. (Gersão, p. 85)

A banalidade do assassinato é tamanha que ele ganha contornos de acaso, pois quase nem chegou a acontecer: “Até porque não estávamos a falar sério em matar a Tânia, pensávamos nisso como se estivéssemos sentadas num sofá, a olhar o écran.” (Gersão, p. 85). Sem consciência alguma dos atos que cometem, as meninas cogitam as possíveis formas de matar a colega e chegam a fazer um ensaio, como quem discute um assunto qualquer, antes de consumarem o ato e se tornarem famosas, como pretendiam:

Tem sido assim, cada vez se fala mais e ninguém está de acordo, todos os dias nos fazem interrogatórios, são ouvidos psicólogos, psiquiatras, professores, pais, colegas, polícias, vizinhos e há cada vez mais interesse e mais público, porque somos um caso mediático. Exactamente como tínhamos pensado. (Gersão, p. 90)

Para finalizar: e se o espelho fosse um caleidoscópio?

Os contos evocados aqui revelam diferentes faces do narcisismo na atualidade. Ao lê-los, somos confrontados com os limites da nossa humanidade, encolhida e distorcida nas malhas do capitalismo contemporâneo. Diante de um quadro tão cruel e desesperançoso, haveria alguma saída? Nos dois últimos capítulos do livro *Agonia de eros*, intitulados “Política do eros” e “O fim da teoria”, Byung-Chul Han faz um elogio de eros, celebrando seu carácter de experiência, suas potências de vida e sua abertura para o novo. Ele afirma:

O amor é um ‘palco de dois’. Ele interrompe a perspectiva do um e faz surgir o mundo a partir do ponto de vista do *outro* ou do *diverso*. (p. 78)

Por meio de sua força universal, ele [eros] interliga o artístico, o existencial e o político. O eros se manifesta como cupidez revolucionária por uma forma de vida e de sociedade totalmente distinta. Sim, ele mantém de pé a *fidelidade* do porvir. (p. 81)

Em Platão, eros é chamado de *philosophos*, amigo da verdade. O filósofo é um amigo, um amante. Esse amante não é, porém, uma

pessoa exterior, não é uma circunstância empírica, mas ‘uma presença íntima no pensamento, uma condição de possibilidade de o próprio pensar, uma categoria viva, uma vivência transcendental’ (Deleuze & Guattari). Em sentido enfático, o pensamento só se eleva mesmo a partir de eros. Para poder pensar é preciso antes ter sido um amigo, um amante. Sem eros, o pensamento perde toda e qualquer vitalidade, toda inquietação e se torna repetitivo, reativo. O eros enerva o pensamento com a cupidez pelo *outro* atópico. (p. 92-3)

Em sintonia com o pensamento de Han, talvez valesse a pena cultivarmos, como alternativa (esperançosa) à ideia metafórica do espelho narcísico - tão bem apresentado por Teolinda Gersão - a ideia também metafórica - e erótica - do caleidoscópio: objeto formado por espelhos inclinados, em forma de prisma, que a cada instante/movimento produz imagens variadas e multicoloridas.

Assim, se em vez de nos olharmos incessantemente (exclusivamente; excessivamente) no espelho, que tão somente devolve a nossa própria imagem, pudéssemos resistir e olhar o mundo como um caleidoscópio, que aumenta possibilidades de identificação (e estranhamento) através da formação contínua de mosaicos multiformes e móveis, provavelmente ampliaríamos as possibilidades de encontrar a surpresa e a beleza do outro: dos outros que nos permitem existir, fantasiar, amar.

Esse olhar que busca a alteridade e a diversidade num gesto de reconhecimento desalienante - espécie de antídoto à constituição do sujeito narcísico na sociedade de desempenho -, ganha forma literária no poema “contranarciso”, de Paulo Leminski, que amplia nossa sensibilidade e nos convida à reflexão:

contranarciso

Em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente

centenas

o outro
que há em mim
é você
você
e você

assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós.

Referências

- BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Sonetos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo* (1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia* (1917). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GERSÃO, Teolinda. *Alice e outras mulheres*. Rio de Janeiro, Oficina Raquel, 2020.
- HAN, Byung-Chul. *Agonia do eros*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- ILLOUZ, Eva. *The end of love : A Sociology of negative relations*. New York, Oxford University Press, 2019.
- LEMINSKI, Paulo. “contranarciso”. In: *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LISPECTOR, Clarice. “Amor”. In: *Laços de família*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

Recebido em: 31/03/2024

Aceito em: 28/04/2024